

A lírica ressuscitou endividada: uma leitura sobre o trabalho e o dinheiro em alguns poemas contemporâneos argentinos

Joaquín Correa
Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil
joaquin_medio@hotmail.com

Resumen:

En 2001 Alejandro Rubio afirmaba en su polémica *ars poética* publicada en *Monstruos. Antología de la joven poesía argentina*, la antología a cargo de Arturo Carrera, que la lírica estaba muerta. En 2017, Omar Chauvié, otro poeta que podría suscribirse a la poesía de los años noventa argentinos, en su *Deuda & Literatura* revivía a la lírica, aunque en estado zombie o, en términos económico-religiosos, endeudada. Siguiendo el método genealógico propuesto por Chauvié, en el presente texto se leerán otras producciones contemporáneas que postulan el espacio del poema como indagación de los vínculos entre poesía, trabajo y dinero.

Palabras clave: Poesía contemporánea argentina; Dinero; Trabajo; Lírica; Aura

Lyric Poetry Has Resurrected in Debt: A Reading about Money and Work in Some Argentine Contemporary Poems

Abstract:

In 2001, Alejandro Rubio said in his controversial *ars poética* published in *Monstruos. Antología de la joven poesía argentina*, an anthology organized by Arturo Carrera, that lyric poetry was dead. In 2017, Omar Chauvié, another poet who could subscribe to the poetry of the Argentinean nineties, in his *Deuda & Literatura* revived lyric poetry, but in a zombie state or, in an economic-religious terms, indebted. Following the genealogical method proposed by Chauvié, in this paper, I will read other contemporary productions which investigate in the space of the poem the links between poetry, work and money.

Key-words: Argentine Contemporary Poetry; Money; Work; Lyric; Aura

Fecha de recepción: 16/ 03/ 2020

Fecha de aceptación: 11/ 05/ 2020

Recentemente, Omar Chauvié publicou *Deuda & Literatura*. Nele, aproximava a primeira coletânea poética do país emancipado da colônia, *La lira argentina* ou *Colección de las piezas poéticas dadas a luz en Buenos Ayres durante la guerra de su independencia*, com o primeiro empréstimo outorgado pelo capital estrangeiro, a companhia britânica Baring Brothers, ambos fatos ocorridos em 1824. Os versos feitos contra impérios e tiranos apareciam reunidos num contexto endividado, como endividado estaria o país até 1904, ano do pagamento da dívida, ou, melhor dizendo, até o primeiro peronismo, em meados do século XX, quando seus juros foram pagos. Paradoxal ou sintomaticamente, a lira argentina será a lira argentina, como grafada por Chauvié, inscrevendo no grafo a genealogia das

huellas de un mismo carro,
la Deuda y la Literatura
(2017: 11)

E assim, por exemplo, no final da sua vida, para nomear a “Argentina”, Sarmiento escrevia “La gran deudora del Sud” (2017: 11) ou, antes, em *El censor*, “cada argentino, en plata, nace debiendo más de lo que pesa” (2017: 34). Continuando a mexer nas palavras e seguindo o método (tal o título do poema) de Leónidas Lamborghini aplicado sobre o sobrenome Bullrich, Chauvié descobrirá, na prosápia dessa família de pecuários, escritores (“Silvina Bull-rich, una escritora que vivió retirada en Punta / del Este y mostraba / el guion en *best-sellers*” (2017: 18)) e rematadores, como “las palabras en algún momento del recorrido se parecen / inevitablemente a / las cosas que nombran” (2017: 19). E se, um dos vínculos dessa família foi com outra de inesquecível história, os Martínez de Hoz, e se um dos últimos avatares dos Bullrich esteve no governo de Mauricio Macri encarregado do uso da força de repressão do Estado, sob o redundante nome de “Patrícia”, dívida e história, seguindo o raciocínio que o método do poema propõe, aparecem mais uma vez entretecendo seus conexões nas entranhas da Nação.

Isolado no topo de uma página, aparece o verso “deuda con la mayúscula de dios” (2017: 20), que lembra a genealogia do conceito de “culpa” tal e como lida por Nietzsche na *Genealogia da moral*, entre a divindade e a dívida, perpassada toda ela pelo sangue¹. Foi ali

¹ Cfr. Nietzsche 2015: 48-57.

que surgiu o valor e a definição do homem como aquele ser que mede valores, estágio imediatamente anterior a toda formação econômica. No valor, no preço e no peso das coisas, então, está a história do sangue derramado, justificado no vínculo divino entre dívida e culpa. Desse modo, na ambivalência entre culpa e dívida, o título do texto bem poderia ser também “Culpa & Literatura” ou, ainda, “Culpa & Literatura”, criando insuspeitadas consequências: o fundo religioso-moral da escrita argentina, o estatuto divino dos endividados poetas líricos argentinos, os fundamentos violentos da literatura argentina (corroborando as teses de Viñas ou Piglia, no caso), o seu eterno vínculo com a economia sob a forma da relação entre credor e devedor, início de todos os padrões de moral, justiça, economia e, por fim, do valor. Fiquemos, só por enquanto, com o poeta endividado, preso numa relação de crédito, princípio primeiro que negaria (o tiraria os véus de) qualquer tentativa de autonomia: “el deber es deber” (2017: 31). Os artistas, dizia Nietzsche, “necesitam sempre de uma proteção, um amparo, uma autoridade estabelecida: os artistas não se sustentam por si sós, estar só vai de encontro a seus instintos mais profundos” (2015: 84). Desse modo, o ímpeto libertador do Libertador será cortado no seu anseio, e restará só o começo do slogan, “Serás lo que debas” (2017: 38), âncora de chumbo nos pés alados. A dívida nacional, apenas recentemente estendida a mais cem anos, e a lírica, desde os primórdios, correm então paralelas, rodas do mesmo carro.

Do mesmo modo que Chauvié pesquisou as sobrevivências da dívida na literatura e na poesia argentina, podemos ler no trabalho de Vicente Luy a tentativa de delimitar as sobrevivências menemistas na Argentina pós-crise de 2001. “los noticieros demuestran / que la cultura menemista / llegó para quedarse / (que no fue un BOOM como el paddle)” (2009: 17), dirá num poema feito a partir das notícias do telejornal. Dessa situação crítica, se desprende a série “Vicente habla al pueblo”, em que o poeta redige conselhos para o povo —e não para o país, a Nação ou o Estado— sair da crise: administrar as receitas públicas, não distinguir entre bens materiais e bens espirituais (que, em outro poema breve, assimilará ao dinheiro: “No hay nada + espiritual que el dinero” (2009: 34), torcer pela obrigatoriedade da consciência, da memória, da liberdade e não da piedade e assumir a responsabilidade de desarmar o raciocínio que condena o uso da violência para, depois disso, propor atacar o sistema (Figura 1). A partir de um recorte de jornal, sem data nem especificação, embora reconheçamos a tipografia de *Página 12* e uma rápida busca em internet permita nos afirmar que se trata de uma matéria publicada no domingo 29 de

setembro de 2002, Luy elaborou uma espécie de haikai sob a forma de um silogismo lógico (Figura 2). O desastre econômico, palpável num dos setores mais vulneráveis da sociedade, justificava a enunciação do confronto civil e até a recuperação do cunho romântico da poesia ou, talvez e melhor dizendo, do poeta. A figura do poeta que Vicente Luy propunha desde sua trincheira pessoal estava ancorada, dentre muitas outras coisas, numa poesia de fundamentos anárquicos, totalmente vinculada as emergências resultantes daquela crise que aparece nos poemas sob a forma dos resíduos da realidade. Daí, por exemplo, um dos fragmentos inconclusos que deixou: “Poesía es conflicto” (2009: 111).

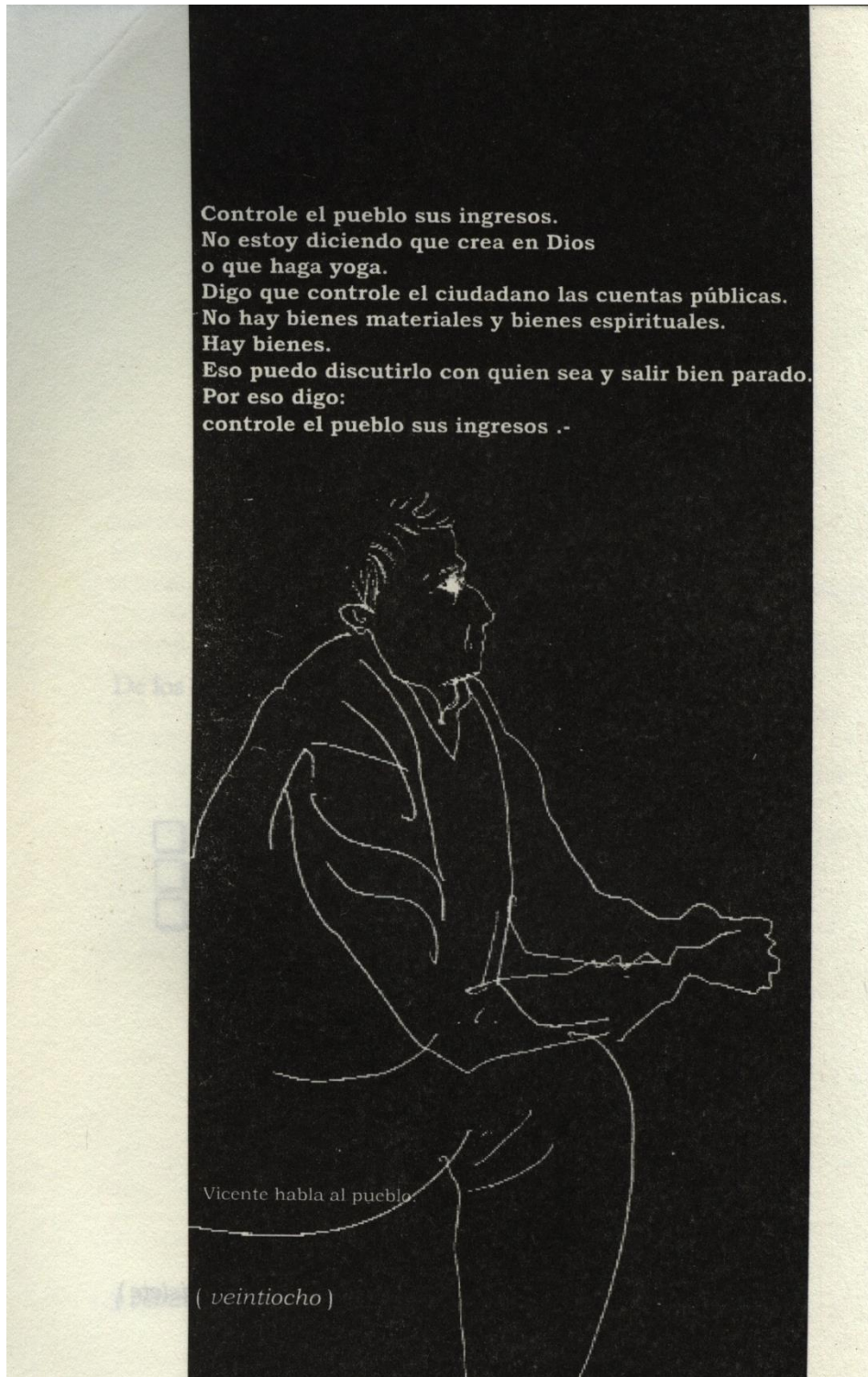


Figura 1: “Vicente habla al pueblo”, ilustración de María Angélica Vaca Narvaja

Fonte: Luy 2009: 28

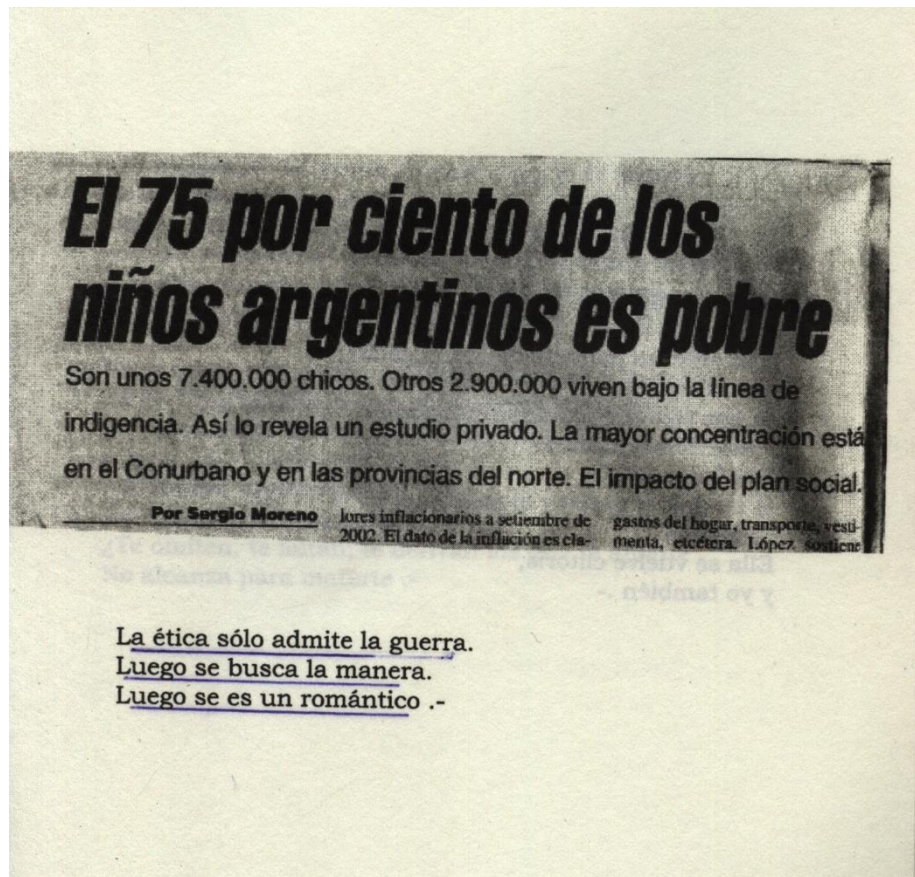


Figura 2: ["La ética sólo admite la guerra"]
Fonte: Luy 2009: 83

Num balanço do primeiro ano da gestão de Mauricio Macri, Beatriz Sarlo acunhou o termo "neopopulismo", -"neopopulismo de derecha", "neopopulismo con onda, populismo cool, de baja tensión" (2016: 34)²-, para definir as mudanças de paradigma que impulsara o

2 Se referindo a Sarlo, Miguel Dalmaroni afirma que "populismo" parece formar parte de su diccionario más recurrente; además en distintos puntos de la trayectoria de sus ensayos el término se usa alternativamente o simultáneamente como concepto y como impugnación". O próprio Dalmaroni registra a invenção da denominação "los neopopulistas de mercado" em *Escenas de la vida postmoderna. Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina de fin de siglo*, editado em 1993, para "identificar una actitud acrítica y celebratoria de las videoculturas y hacia la creciente mercantilización de los bienes simbólicos en la Argentina de fin de siglo" (1996: 108-109). De 1993 a 2015, ano do início da presidência de Mauricio Macri ou talvez antes, em 2005 quando funda seu próprio partido, Compromiso para el Cambio, ou apenas mais tarde, quando cria junto com Ricardo López Murphy a aliança Propuesta Republicana (PRO) e com ela chega a Prefeitura da Cidade de Buenos Aires em 2007, esses neopopulistas de mercado atuaram em diversas esferas e chegaram, não sem certa maquiagem, a ser governo.

governo do PRO argentino. Na incorporação do prefixo “neo”, se passava, conforme ela, do “povo” ou os “cidadãos” à “gente”, de uma posição definida pela ideologia e as convicções políticas a outra definida pela opinião, fundamentada nos dados das enquetes e das redes sociais, de os políticos ser apresentados e chamados pelo sobrenome ou pelo nome completo a usar apenas o primeiro nome, para eliminar na empatia as distâncias, de procurar o entusiasmo popular à se preocupar pela simpatia, “que no se obtiene dando discursos complejos sino hablando casi tan mal como cualquiera” (2016: 31). A felicidade, esse significante vazio, era uma das armas da gestão: “La felicidad vuelve al discurso político como un resto degradado, ocasional, cuando una tendencia neopopulista cree descubrir allí no una gran cuestión filosófica y política, sino una consigna. El neopopulismo cree que algunos conceptos vagos son una máquina de licuar conflictos. Macri se ajusta a las leyes de una economía simbólica de la felicidad” (2016: 31). A revolução que propunham Macri e seus colegas era a “revolução da alegria”. Nesse estado de coisas, todo aquilo caracterizado como “político” ou pertencente à “política” era banido do cenário, o que importava era apenas a felicidade. Podemos ler nesse apelo a felicidade como mera evasão, outra via para eludir o fundamento da ordem liberal submergido no Rio da Prata? Isto é, podemos ler nesse retorno do neoliberalismo dos anos de 1990 que, por sua vez, foi um aprofundamento das políticas econômicas da última ditadura militar, uma condena das tentativas por, através das políticas da memória dos governos kirchneristas, sair da crise de 2001, trazendo à cena o massacre dos dissidentes? E, ainda, podemos ler nos e nas poetas surgidos/as nos anos de 1990 um relato econômico contrário à pacificação social que o neoliberalismo precisou para terminar de se apropriar do cenário político? Evidenciam esses poemas com a sua possibilidade de existência que o tempo é só e sempre tempo de trabalho, como quer a (violência da) positividade (Han 2014: 51) do empreendedorismo, ou, pelo contrário, propõem outros padrões para perceber o tempo, o trabalho e o tempo do trabalho? Com esse fazer a poesia, os e as poetas estariam propondo, por fim, já não mais o trabalho livre senão a liberação do trabalho, a definição da força de trabalho como força improdutiva, separando, de modo inédito, trabalho e capital? É o poema um espaço propício para achar esse contra-relato ou, antes bem, continua estando atrelado a uma concepção da arte autonómica que o afasta completamente da realidade? Esses poemas respondiam ainda a melancolia, -própria da estética populista, segundo Osvaldo Lamborghini (Dalmaroni 1996: 91)-, ou antecipavam a alegria do neo-populismo? E as figuras desses poetas, situadas num

leque bem amplo, entre o ócio e o negócio, entre o ser proletário e o ser preguiçoso, antecipam (como alerta ou como propulsores) a relação precária no emprego próprio do capitalismo tardio? São elas bio-bibliografias hagiografias da precariedade ou, antes bem, relatos de resistência? E, por fim, estaria a aura do poema defendendo aquela ordem liberal ou, na sua queda, se posicionaria em direção ao an-aurático?

Na ocasião de resenhar a antologia de poesia argentina impulsada por Viggo Mortensen, *Antología de la nueva poesía argentina*, selecionada por Gustavo López, editor da Vox de Bahía Blanca, Mercedes Halfon voltava à poesia dos anos de 1990 em “Poesía eres tú”, texto publicado no suplemento *Radar de Página 12*, no domingo 27 de setembro de 2009. Ali expunha uma periodização da denominada geração de poetas dos noventa, geralmente compartilhada mas sem muita densidade crítica: num primeiro momento da década, estariam os integrantes da revista *18 whiskys* e outros poetas afins junto com alguns precursores que já vinham trabalhando desde a década passada (tais como os poetas e críticos Daniel García Helder e Martín Prieto), filhos todos do desencanto alfonsinista, refugiados da aurora econômica dos primeiros anos neoliberais do governo Menem; já a segunda camada de poetas apareceria reagindo a essa apatia política (dentre eles, Alejandro Rubio, quem dizia no texto de Halfon: “La pelea era interna. Era contra la onda y el tipo de poema que promovían los Whiskies. Ese poema cortito, narrativo, púdicamente sentimental, ¿viste? Y esa onda apolítica insoportable” (Halfon 2009). Há, porém, outras linhas poéticas que dificultam tal classificação reduzida apenas ao político. A chamada poesia dos anos de 1990, que se estende aliás além da década, inclui a crise do ano 2001 e os anos subsequentes, é inseparável não tanto do Menemato quanto mais especificamente do modelo econômico neoliberal e certa miragem cínica cuja Meca foi Miami. E se o político-social tinha sido proibido na poesia da volta democrática para se afastar, de algum modo, dos tropos setentistas, na década que nos ocupa reaparece acompanhando ao econômico. É a economia, nesse sentido, quem matou o componente aurático da lírica? Como a sombra de uma paralela constante, muitos dos poemas do período cresceram acompanhando um presente contrarrevolucionário, ao dizer de Martín Prieto (2007: 44), com futuro de ruína e colapso social. Num tempo paralelo, discrónico ou anacrónico, é possível reconstruir o afresco de uma época atroz.

Num dos textos recentes de um dos poetas *monstruosos* que apareceram no final daquela década, Martín Rodríguez, se desenha a radiografia das consequências estruturais

do desastre a partir das *aventuras* assistenciais de um casal de trabalhadores sociais num bairro periférico. Entre a linguagem bíblica, a da doxa marxista e a do peronismo clássico, está, então, como reza o título do terceiro poema, o “Trabajo social a conciencia”, cujo final é mais do que evidente: “Construir, destruir, construir. / Hay que decir 'genocidio' porque los grandes países / se levantan de las cenizas” (2018: 12). O espaço do poema se converte em caderneta de campo, lugar de anotações, prescrições, sugestões do trabalho nos bairros com breves versos como fechamento de raciocínios ausentes (“La revolución es una amputación” (2018: 14), é por exemplo o único verso do poema “Todo se repite”). Em dois poemas de título idêntico, situados na mesma página, leremos duas dessas anotações do poeta das cinzas:

En los apuntes el trabajador social escribe:

¿Los trabajadores sociales son los psicólogos para pobres?
Los pobres no tienen inconsciente.
¿La educación popular es la educación formal para pobres?
Los pobres no tienen representaciones.
¿La economía popular es la multiplicación de los pobres?
Los pobres no sueñan.
Los pobres no desean.

(2018: 17)

En los apuntes el trabajador social escribe:

Salir de Egipto.
El Ministerio de Desarrollo Social se realiza auto-suprimiéndose.

(2018: 17)

“Os pobres”, tal e como é denominado de modo científico ali, apenas gozam de realidade. São o objeto do trabalho dos assistentes sociais, mas carecem de uma dimensão subjetiva. Esses pobres que constituem o “povo” serão, conforme Alejandro Rubio,

(...) objeto de lo Social: pasto de sociólogos, asistentes sociales, políticos, cronistas de la marginalidad, toda una industria de papel y lástima que culmina en el set de Políticas Sociales dirigidas exclusivamente al pueblo como sinónimo de lo social, como si las políticas económicas, educativas, culturales, de defensa,

de seguridad, de relaciones exteriores, de salud, entre otras, no afectaran de la misma manera a la sociedad (2018).

Essa população *pobre* foi e ainda é empobrecida em todos os aspectos vitais. Por outro lado, a pobreza é o único traço de identidade que faz dos estrangeiros argentinos. A pobreza os inclui na *argentinidad*. O messianismo do empregado público sabe que a finalidade do seu trabalho está no fim do seu trabalho: *pobreza cero* foi também o slogan da campanha eleitoral de Maurício Macri, falácia que veio para fortalecer a pobreza estrutural do país.

Nesse mundo, onde a precariedade já é puro luxo, os alfabetizadores –outro tipo de pregador- verão transformada a poesia de seus planos, totalmente alheios -como o vocabulário dela- a realidade do bairro, em “Poesía de oro del siglo roto” (Rodríguez 2018: 19). A poesia ganha para si o ouro que soube ser do século de esplendor imperial espanhol, porque no meio do desastre que o próprio Estado causou toda poesia é excesso, excedente, ouro, luxo no lixo. E até, talvez, seu valor em peso e pesos seja menor do que um quilo de carne: “La gloria de acero del pasado: / es más caro un kilo de carne que un kilo de auto” (Rodríguez 2018: 26). E se, mais tarde, uma imprensa japonesa contratará a quarenta mulheres bolivianas para o cultivo do caqui porque “[s]e necesitan manos laboriosas y delicadas como las que desde hace siglos cultivan la delicia en Oriente” (Rodríguez 2018: 35), resultando que seja “[m]ás caro el kilo de kaki que el kilo de carne, más caro que el kilo de kaki que el kilo de auto” (Rodríguez 2018: 35), essa mesma poesia passará de ouro a ouropel, de acero a oxido. As coisas sem peso – “etéreas, / cosas del derrame” (Rodríguez 2018: 58) – serão levadas ao mercado de escambo. No bairro todo vale quanto Pesa.

“Y una mina con una mentalidad semejante, que se dice economista y labura en el Estado, no hay demasiado para preguntarse por qué está ahí. No creo que en una empresa privada esta mujer durara diez minutos. Seguimos solventando vagos y por lo que veo, Dios nos libre de semejante profesional con tal grado de dependencia emocional ysectaria” (Maria Teresa Neagoe, 8 de septiembre de 2014 a las 11:08 p. m.).

“Estas minitas medias retraídas y no muy agraciadas sin llegar a ser feas, son espectaculares para sexo oral. Axel.. no te la pierdas, si te dedico un poema... es que esta para cualquier cosa. Dale, mira que cuando te rajen por inútil, los únicos que te van a chupar, son los de la justicia” (Curly, 8 septiembre de 2014 a las 11:10 p. m.).

“Qué macanas Mara, Axel ya está casado y tiene su pinta, su nobleza le sale por los poros, deben haber miles de Maras, el cara de zanahoria del economista de Macri, no lo debe registrar ni la madre” (Juan Manuel Kanitos, 9 de septiembre de 2014 a las 2:35 a. m.).

“Si esto es un poema... Cristina es abogada recibida con honores...un mamarracho” (bel, 9 de septiembre de 2014 a las 3:28 a. m.).

“En manos de quién estamos. Estos dos pelotudos son funcionarios públicos, Axel el ministro comunista y este batracio poetista sin talento, con razón nos dirigimos de forma directa e ininterrumpida hacia el abismo. Buy ammo!!!” (sarasaboy 9 de septiembre de 2014 a las 7:48 am).

“flaca no creo te de bola el se gar cha 40 millones de personas” (Hugo Colazo, 9 de septiembre de 2014 a las 8:38 a. m.).

“Sacate el apellido pedrazzoli. Es una deshonra para los que lo llevamos honorable mente” (alejandro pedrazzoli, 9 de septiembre de 2014 a las 9:19 a. m.).

“Por qué será que los oficialistas son pésimos poetas? Casi peor que los poemas de Barone” (Felpa, 9 de septiembre de 2014 a las 9:20 a. m.).

“Poesía?...en serio?...una publicación con estilo de diario pre-adolescente es ..poesía?...no entiendo...es broma?” (Abel Yegros, 9 de septiembre de 2014 a las 9:36 a. m.).

“¡arrastrada!” (pitufu, 9 de septiembre de 2014 a las 10:32 a. m.).

“Realmente,entre la fauna de analfabestias que integran el equipo KKista,esta mina se gana un galardón de oro,porque en mi larga vida he visto imbecilidades pero imbécil,lo que se dice imbécil al cubo, esta tal pedrazzoli,o como se llame,se lleva las palmas,o las patadas en el culo,q ue es lo correspondería darle. Ahora hay toda una onda KKista en tratar,dada la escandalosa y deprimente política económica desde el enano en adelante,tratan de convertir al enanito de jardín en “sex symbol”,quizás para justificar la calentura con el de la vieja arrugueta” (Edgardo Berraz, 9 de septiembre de 2014 a las 10:35 a. m.).

“que aaaasooooooooo de tipa, encima chupamedias” (gringo, 9 de septiembre de 2014 a las 11:24 a. m.). “Hasta esta minita de cuarta nos toma el pelo” (MargaritoTereré, 9 de septiembre de 2014 a las 12:59 p. m.).

“Debe saber mucho de economía pero la materia puntuación se la llevó a Marzo. Es un desastre ese parrafo. Y escribió un libro?. Donde lo imprimieron en Donnelly?” (Adrian, 9 de septiembre de 2014 a las 1:54 p. m.).

“Y con ESE MAMARRACHO, hizo un LIBRO DE POEMAS????????????????????
García Lorca, Bécquer, Storni.... WHITMAN!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Suicidense!” (Letizia Real Irazola de Ramírez, 9 de septiembre de 2014 a las 4:37 p. m.).
“es un libelo chupacalcetines” (Aledba3, 9 de septiembre de 2014 a las 5:01 p. m.).

“pobrecita que fiera que es..... es mas fiera que 10 años de kernerismo” (porque no puedo ser del jet set?, 9 de septiembre de 2014 a las 5:27 p. m.).

“Pero,cómo puede haber personas tan soberbias y a la vez tan estúpidas como esta Mara?. Será universitaria esta tipa?” (santos laguna, 9 de septiembre de 2014 a las 5:53 p. m.).

“Esto es un asco!! Esta chica habra leído algo de literatura alguna vez? Mal redactado, mal interpretación, y estos burros le llaman «poema» a cualquier estupidez que escriben. Poetas del universo PERDON !!!!!” (Eva, 10 de septiembre de 2014 a las 8:16 a. m.).

Esses são alguns dos trinta comentários, chamados de “pensamientos”, colados aqui sem modificações, que recebeu a matéria “La empleada del Ministerio de Economía que le dedica sus poemas a «Axel»”, publicada sem assinatura no suplemento *Fortuna* do diário *Perfil* da Argentina no dia 8 de setembro de 2014. Um dia depois, o site *La política online*, reproduziu a matéria com escassas variações e quase idênticos, porém menos, comentários:

“ESPANTOSO!!!! Y con faltas de ortografía!!!! ¿Qué sueldo tiene en el Ministerio? No hay derecho!!!!” (helenahueyo@gmail.com, 11 de septiembre de 2014 a las 11:47);

“ay dios! Alta literatura!” (martin123456, 9 de septiembre de 2014 a las 23:47);

“JA !!,el peronismo lleno de marxistas!!. Los kirchner hicieron estallar nuestro movimiento. Encima son unos inútiles. Cada dia que pasa hay más pobres,pésima salud pública,educación,etc..... Todo un gran verso” (chueconegro, 9 de septiembre de 2014 a las 19:34)

“JUAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA....ESTOS MILITARADOS YA NO SABEN QUE HACER...COMO AFANAN...A ESTA "INTELECTUAL" TMB LE PAGAMOS EL SUELDO? A LOS 4 MIL EMPLEADOS AL PEDO QUE INCORPORO GARKALDE DE

LA GARKAMPORA EN AEROLINEAS TMB LE PAGAMOS EL SUELDO?
JUAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA...ESTAN TODOS EN DOPE...LARGUEN LA GRAPPA
MILITARADOS...LES KEDA POKO...MEMORIA, JUICIO Y KASTIGO !!! PARA UDS
TMB PQ FORMAN PARTE DE LA BANDA DESCONTROLADA DEL LORO
BARRANQUERO DE OLIVOS !!!" (dotcom, 9 de septiembre de 2014 a las 18:44)
"Le hace mucho daño a la economía, a los estudiantes de economía, al marxismo,
a Levín, a la lengua castellana, a Kicillof, a los empleados públicos, a los
laboratorios de psicofármacos, a la psiquiatría, al porro, a la UBA" (malone, 9 de
septiembre de 2014 a las 18:32).

As duas matérias, no entanto, eram um recorte de uma entrevista concedida pela poeta ao suplemento "Ni a Palos, el suplemento joven del diario oficialista Tiempo Argentino", nas palavras do jornal *Perfil*³. O nível das agressões podia ser previsto não só pelo fato dos sites serem opositores do kirchnerismo senão pela seção na qual foram publicadas as matérias (no suplemento de economia, por exemplo, no caso de *Perfil*), pelo modo de intitular os textos, colocando entre aspas o gênero ou o ofício (poemas / poeta) ou pela referência a Mara Pedrazzoli a partir de uma denominação pejorativa e hierárquica ("empleada") que escondia, ao estarem os textos supostamente endereçados a alguém superior e importante, o ministro da fazenda da época, Axel Kicillof, uma alusão à inocência dos contos de fadas, interpretada com malícia sexual. Os comentários, nesse sentido, poderiam ser colocados em três grupos: aqueles que rejeitam sua filiação política (marxista, kirchnerista, peronista), aqueles que leem no endereçamento do texto uma estratégia para escalar posições na hierárquica laboral, e aqueles outros que discutem o valor do texto a partir de padrões autonômicos e / ou auráticos da poesia.

Entre o verso livre e a prosa, entre o registro do cotidiano no Ministério e a cópia dos informes cheios de tecnicismos, entre o *tweet* e a poesia contemporânea, por fim, entre a poesia e a economia se situa *MEcon*, retirando todo mistério, como sugeriu alguma vez Federico Manuel Peralta Ramos com *Misterio de Economía*, do Ministério de Economía. E talvez esse seja seu principal objetivo, apagar a potência ficcional-complotista do ministério

3 As citações provém das matérias "La empleada del Ministerio de Economía que le dedica sus poemas a «Axel»" (2014) e "Los "poemas" de una empleada de Economía que elogia el marxismo de Kicillof" (2014). Ambas aparecem na versão online sem assinatura.

que mais especulações produz, a partir da sua entrada – sob a forma da anotação do tipo do diário íntimo – no espaço da poesia que, por sua vez, nesse trânsito, não fica indemne e contamina sua proverbial aura. Decerto, na leitura rápida e maliciosa que as matérias anteriormente citadas propunham, isso foi o que causou maior impacto e até polêmica. Mas, e é curioso nota-o, em *MEcon* a economia e a poesia aparecem como universos separados: se escreve sobre economia num livro de poemas totalmente dedicado ao espaço do Ministério de Economia argentino e se anota o dia a dia dos empregados do Ministério mas o poema em si não se vê modificado, como se apenas fosse uma forma para viabilizar a publicação da intimidade: o econômico vira poético (ou, quanto menos, matéria poética), mas a poesia não vira economia. “En este texto tiene que aparecer la palabra burguesía. La burguesía es la racionalidad y el capitalismo” (2014: 29), anota Mara Pedrazzoli num poema, como quem deve cumprir, cumpre e pronto. Não há uma reflexão económica do poético, do poema, da poesia, da poeta. Não é uma via de mão dupla. Aliás, a única oportunidade em que esse vínculo é proposto é feito não com a poesia e sim com os livros (e até com os romances) a partir de uma paráfrase de César Aira que é abandonada sem maiores consequências posteriores:

La economía tiene su lenguaje propio, como en las familias que se inventan palabras. Escuchar a dos personas hablando de la base monetaria afuera del Ministerio solo me pasó en un libro de Aira. Aira dijo una cosa muy bonita: que el dinero es como los libros, el dinero es una representación de las cosas que nos gustaría comprar con él y las novelas son representaciones de las vidas que nos gustaría vivir. (2014: 36)

“Yo estudié economía porque en mi familia no había plata” (2014: 4), é um dos primeiros poemas de *MEcon*, de um verso só, muito económico, retomando o uso que Fernanda Laguna fazia da expressão. Em duas contemporâneas dela, Georgina Grasso e Rocío Muñoz Vergara, a falta de dinheiro também aparece no espaço do poema, no primeiro caso para pôr em funcionamento a máquina imaginativa que move o poema (“vos y yo de vacaciones en el uritorco”) e, no segundo caso, para definir uma espécie de potlatch doméstico (“Manual básico de decoración de la vivienda”). No caso de Mara Pedrazzoli, a ascensão social que repararia a falta inaugura o livro, numa espécie de desígnio do destino ou mandato familiar que justifica o atual emprego. Da falta ao emprego, então, estão as funções da poesia: se escreve para registrar a falta, se escreve no emprego sobre o emprego para preencher esse

vazio inicial. Desse modo, o poema é o lugar que dá conta desse preenchimento. O poema do Ministério sem mistério é a demonstração do sucesso dos estudos, a reparação da falta.

Dentro do Ministério tudo tem a ver com o dinheiro: a disposição dos andares do edifício segundo a categoria hierárquica e o salário correspondente, a definição de alguns empregados pelo interesse em ganhar (ou fazer, que não é a mesma coisa) dinheiro, as conversas das mulheres ouvidas no banheiro. E, se bem a política aparece nomeada explicitamente graças as menções a Axel Kicillof ou a assistência as diversas manifestações, para contextualizar ou robustecer o verosímil, o político está ausente dos textos. É possível falar de ou sobre economia argentina e o Estado sem se referir ao político? Será o trabalho no sentido de “emprego” o que perpassa tanto o econômico quanto o político, definindo em primeiro lugar o espaço do Ministério como mais um espaço laboral. Por isso o texto se chama “MEcon” e não “Ministerio de Economía”, porque recupera o modo como é chamado pelo pessoal que ali trabalha e não como é conhecido pelo resto da população.

Numa nota publicada em *El flasherito*, “Re-erotización: El trabajo del arte con las nuevas generaciones”, Mara Pedrazzoli dá o passo que não se animou a dar em *MEcon*: pensar o artístico desde o econômico (embora a denominação aluda apenas às artes visuais e não considere, nem de longe, a poesia) e aproximar a força de trabalho dos artistas com as próprias das demais ocupações laborais. Seguindo o raciocínio de Bifo Berardi, a criatividade na era do “cognitariado” seria o elemento presente na arte que tenderia a ponte com o mundo do trabalho intelectual. A precarização, a flexibilização e a competitividade que definem a configuração atual do emprego foram antecipadas décadas atrás pela arte, só que disfarçadas por sua aura, sua raridade, sua excentricidade. No entanto, foi só quando reapropriada pela lógica empresarial que a arte começou a se pensar como trabalho e os artistas a reclamar seus direitos enquanto trabalhadores. Porém, no seu texto, Pedrazzoli não entra decidida nessa trilha, e se embarca num elogio bastante naïve do tempo, do dispêndio e da amizade como forma de não entrar na lógica produtivista e competitiva dos trabalhos intelectuais que, ainda assim, não consegue se erguer como um contra-poder⁴. Sim, a arte pode ser uma resistência a essas condições, mas antes deve rever como foi que

4 “La falta de un contra-poder perpetúa el orden económico neoliberal. Este despliega una intensa energía de apropiación, que lo absorbe todo y le da una forma capitalista”. (Han 2016: 182).

ajudou a criar um estado de coisas sumamente alienante. Sem isso, não há ética possível que fique em pé. Sem isso, o mistério é só ministério.

A arte poética de Alejandro Rubio aparecida em *Monstruos. Antología de la joven poesía argentina*, a cargo de Arturo Carrera, publicado originalmente no site do Instituto de Cooperación Iberoamericana (ICI), em 1998, e editado em papel em 2001 pelo Fondo de Cultura Económica, é, talvez, a mais lembrada de todas: “La lírica está muerta” (2001: 160), começava afirmando, de modo polêmico. “Se podría decir que estamos en tiempos de barbarie y que es deber de los poetas mantener encendida la llama para un futuro mejor. Habría que responder que la lírica no fue un espíritu, sino una manifestación social, y que valdría más la pena apostar a una nueva posición ante el lenguaje en la que entren en cuestión los rasgos de la contemporaneidad”, ampliava. Conforme Martín Prieto, o que Rubio fez foi “darle a la lírica carácter histórico (la lírica no fue un espíritu, dice, sino una manifestación social) e incorporarla a la tradición” (2007: 40). O novo olhar dessa tradição devia colocar o presente num primeiro plano sob o fundo do passado. Essa intervenção dava a ver um dos gestos da poesia dos anos noventa, assinalando outro lugar possível para a poesia, já não mais simples ornamento estético e sim contestação, provocação, em definitiva, a construção da voz que diz as coisas que a racionalidade emudece.

No seu inacabado *Tentativa de uma história da poesia lírica*, Herder colocava a hipótese da origem da poesia lírica no “estado mais natural ao homem” (2018: 49), a necessidade e a carência dos povos, atendidas pela religião. A poesia, nesse sentido, era efetiva e estava definida pela paixão e pela ação e, por sua vez, o poeta – muitas vezes sacerdote e governante, douto e herói – era um mediador entre a natureza e os homens, de índole sobre-humana e até divina, porque o conteúdo ou modo de apresentação de seus versos ultrapassava a capacidade de invenção dos homens. Nesse estado de coisas, a poesia lírica participava da história e esse era seu valor. Se, agora, seguimos a Rubio e entendemos a poesia lírica apenas como uma manifestação social própria da história da poesia, com a morte da lírica, ele buscava explicitar a ameaça do monstro, atea e anaurática. No entanto, no 2001 argentino, as mãos da poesia voltaram a ser a necessidade e a carência, embora (des)atendidas por outra religião, a religião do dinheiro. A poesia monstruosa trazia consigo alguma sobrevivência do seu passado lírico: a poesia era, mais uma vez, *pathos* e ação, dívida.

Bibliografía

- Chauvié, Omar (2017). *Deuda & Literatura*, La Plata, Club Hem editores.
- Dalmaroni, Miguel (1996). "Notas sobre "populismo" y literatura argentina (algunos episodios en la historia de un debate, 1960-1994)". *Boletín del centro de estudios de Teoría y Crítica Literaria* 5: 91-110.
- Grasso, Georgina (2018). *vos y yo*, Rosario, Editorial Municipal de Rosario.
- Halfon, Mercedes (2009). "Poesía eres tú". *Página 12*, Suplemento Radar, 27 de dezembro. Disponible em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/libros/10-3653-2009-12-30.html>. Aceso em: 14 de outubro de 2019.
- Han, Byung-Chul (2014). *Psicopolítica. Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*, Barcelona, Herder. Tradução Alfredo Bergés.
- (2016). *Topología de la violencia*, Barcelona, Herder. Tradução Paula Kuffer.
- Herder, Johann Gottfried (2018). *Tentativa de uma história da poesia lírica*, Desterro, Cultura e Barbárie. Tradução Caio Heleno da Costa Pereira.
- "La empleada del Ministerio de Economía que le dedica sus poemas a «Axel»" (2014). *Perfil*, Suplemento Fortuna, 8 de septiembre. Disponible em: <https://fortuna.perfil.com/2014-09-08-147095-la-empleada-del-ministerio-de-economia-que-le-dedica-sus-poemas-axel/>. Aceso em: 22 de novembro de 2019.
- "Los "poemas" de una empleada de Economía que elogia el marxismo de Kicillof" (2014). *La política online*, 9 de septiembre. Disponible em: <https://www.lapoliticaonline.com/nota/83363-los-poemas-de-una-empleada-de-economia-que-elogia-el-marxismo-de-kicillof/>. Aceso em: 22 de novembro de 2019.
- Luy, Vicente (2013). *poesía popular argentina*, Buenos Aires, añosluz.
- Muñoz Vergara, Rocío (2017). *Lengua de serpiente*, Rosario, Danke.
- Nietzsche, Friedrich (2015). *Genealogia da moral. Uma Polêmica*, São Paulo, Companhia das Letras. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Sousa.
- Pedrazzoli, Mara (2014). *MEcon*, Buenos Aires, Hoja de Trabajo.
- (2017). "Re-erotización: El trabajo del arte con las nuevas generaciones". *El Flasherito*. 28 de fevereiro. Disponible em: <http://flasherito.com.ar/re-erotizacion-el-trabajo-del-arte-con-las-nuevas-generaciones/>. Aceso em: 25 de novembro de 2019.

Prieto, Martín (2007). "Neobarrocos, objetivistas, epifánicos y realistas: nuevos apuntes para la historia de la nueva poesía argentina". *Cahiers de LLIRICO* 3: 23-44. Disponible en: <http://journals.openedition.org/lirico/768>. Acceso en: 30 de abril de 2019.

Rodríguez, Martín (2018). *Ministerio de desarrollo social*, Buenos Aires, Mansalva.

Rubio, Alejandro (2001). "Ars poetica". Carrera, Arturo (comp.). *Monstruos. Antología de la joven poesía argentina*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica: 160-161.

----- (2018). "Contratapa a *Ministerio de Desarrollo Social*, de Martín Rodríguez". Rodríguez, Martín. *Ministerio de desarrollo social*, Buenos Aires, Mansalva.

Sarlo, Beatriz (2016). "Neopopulismo Macri". *Noticias* 2085, 7 de dezembro: 28-34.

Joaquín Correa nació en 1987 en Mar del Plata y desde 2013 reside en Brasil. Es Profesor y Licenciado en Letras graduado con distinción por la Universidad Nacional de Mar del Plata y Magister en Literaturas por la Universidade Federal de Santa Catarina, donde actualmente finaliza sus cursos de doctorado con una beca CAPES para desarrollar su proyecto de investigación que vincula dinero, trabajo y poesía. Ha publicado artículos académicos en revistas especializadas de Argentina, Chile, Brasil y España, participó en libros colectivos en Argentina, Brasil, Estados Unidos y España y expuso en eventos científicos internacionales de Argentina, Brasil, Uruguay, Colombia y Chile. Fue editor de dos periódicos científico-académicos: *Landa* y *outra travessia*. Colabora regularmente con reseñas y textos de divulgación en suplementos culturales y revistas literarias de Argentina. Es poeta y traductor.